

## **GÊNERO E RAÇA: CONVERSA DE MENINOS PARA MENINAS NO CONTEXTO ESCOLAR**

**Suely Marilene da Silva<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), E-mail: [suely.marilene@gmail.com](mailto:suely.marilene@gmail.com);

### **RESUMO**

O espaço escolar é um lugar privilegiado para a produção e reprodução de saberes e de cultura. As discriminações de gênero, étnico-racial e de orientação sexual, como também a violência sexista, são produzidas e reproduzidas em todos os espaços da vida social brasileira. Esta trabalho, de natureza qualitativa, teve como foco analisar as concepções de e meninas do quarto e quinto anos do ensino fundamental II de uma escola pública da cidade do Recife. Os procedimentos metodológicos consistiram na realização de entrevistas com os alunos e posterior análise do conteúdo das respostas. O tratamento dos dados apontou que as meninas tendem a reproduzir os padrões estabelecidos pela sociedade, seja nas atividades realizadas por eles, seja pelas características consideradas femininas, sendo o comportamento das meninas considerado mais adequado ao ambiente escolar. Essa distinção dos gêneros também pode ser percebida nas adjetivações relativas aos gêneros e nas brincadeiras que as alunas realizam. Isso demonstra que a construção dos gêneros é social, como afirmado por muitos autores, já que se observa uma reprodução desses padrões que são estipulados pela sociedade atual, o que traz um alerta quanto à importância da escola no desenvolvimento de ações educativas que visem à superação de preconceitos, estereótipos e estigmas relacionados ao tema. Diante disso, as considerações finais apontam que é fundamental que questões de gênero e sexualidade sejam tratadas de modo educativo nas escolas e que, para isso, elas devem ser abordadas e incluídas nos currículos de formação docente, na perspectiva de construir uma sociedade igualitária, na qual o respeito à diversidade seja valorizado. A análise revela que os sentidos atribuídos a esses conceitos ainda carregam uma carga de preconceitos e estereótipos presentes no cotidiano das pessoas, sendo considerados polêmicos.

**Palavras-Chave:** gênero, sexismo, ensino de valores e atitudes, norma; diferença.

### **INTRODUÇÃO**

As relações de gêneros são percebidas de diferentes formas, seja através do comportamento, de preferências ou, ainda, de aparências consideradas típicas e adequadas para cada um. Essas características consideradas adequadas para cada gênero são determinadas socialmente, podendo ser alteradas com a mudança dos valores presentes nas sociedades e em diferentes épocas.

A escola é um ambiente que pode reforçar esses valores sociais, aumentando a segregação e discriminação dos gêneros. No ambiente escolar os estereótipos de cada gênero podem ser facilmente percebidos nas brincadeiras nos intervalos, nos

comportamentos em sala de aula, nas vestimentas e nos objetos utilizados por cada um. Essas determinações de padrões desejáveis de masculinidade e feminilidade podem se relacionar à disciplina e ao desempenho escolar, o que muitas vezes prejudica o desempenho dos meninos, freqüentemente considerados desinteressados e indisciplinados.

O desempenho das meninas também pode ser prejudicado devido à submissão que pode prejudicar a participação nas aulas e a verdadeira percepção da aprendizagem dessas alunas que acabam não recebendo o apoio e os recursos necessários para o desenvolvimento do seu potencial, já que raramente são encaminhadas para as aulas de reforço ou recuperação, pois não costumam ser reconhecidas como possuidoras de problemas de aprendizagem ou disciplinares, diferente do que ocorre com os meninos que são vistos com possuidores dessas características e encaminhados para esses recursos.

Essa diferenciação entre os gêneros pode levar à discriminação e ao preconceito, se transferindo inclusive para o mercado de trabalho, onde as funções passam a ser consideradas femininas ou masculinas, sendo muitas vezes discriminada a pessoa que contraria essas determinações. Isso pode influenciar nas remunerações de cada gênero, pois diferentes funções possuem diferentes salários e, muitas vezes, diferenças de condições de trabalho. Isso pode, na maioria das vezes, prejudicarmos a qualidade de vida principalmente das mulheres, que sofrem uma discriminação maior e, por isso, acabam ocupando os cargos de menor valorização, salário e com as piores condições de trabalho.

Pitanguy (2018) relata a importância dos papéis relacionados aos gêneros na confecção de oportunidades, afetando o acesso aos recursos e influenciando as escolhas, afetando de alguma forma o bem-estar.

De acordo com Stromquist (2018) existe uma ausência das questões de gênero na especificação ou concretização da qualidade de ensino (como se o gênero não interferisse na qualidade), mesmo se observando a defesa da qualidade de ensino, esquecendo-se, porém, de esforços para melhorar a qualidade de ensino para grupos em desvantagem, sendo que a discussão sobre gênero só existe quando ocorrem grandes disparidades de acesso a educação, não sendo uma prioridade nos planos educacionais.

Além disso, o gênero aparece com frequência no contexto de igualdade de oportunidades, porém isso não é acompanhado por medidas específicas.

A carência de estudos sobre gêneros e educação mostra que este é um campo pouco pesquisado. Carvalho (2017) relata que a questão de diferença de desempenho entre os sexos e a falta de discussões a respeito do assunto é facilmente reconhecida entre os professores e professoras, havendo a concordância de que os meninos apresentam maiores problemas. Como relatado por Carvalho (2017), o fracasso escolar de meninos devido à determinação deles como um modelo negativo pode facilitar a busca por outras fontes de poder baseados na agressividade e no desempenho físico, o que pode facilitar a agressividade e a violência desses alunos. Sendo assim, para se evitar isso, é necessário que se discuta o assunto de forma a se evitar a determinação de estereótipos em relação aos gêneros.

De acordo com Moraes (2015) as relações de gênero têm relação com a questão da cidadania que busca enfrentar os problemas cotidianos da coletividade, da exploração, da miséria e da desigualdade social, sempre presente na formação social brasileira. Para a autora, essa cidadania é construída no interior das lutas cotidianas e permite a formação de novos sujeitos, novas identidades político culturais, sendo que a educação exerce um papel fundamental nessa nova construção da cidadania.

Além disso, Moraes (2015) acredita que seja importante à educação e qualificação implementarem ações voltadas para as questões de gênero, entre outras, como uma forma de contribuir para a construção da cidadania de homens e mulheres respeitando as diferenças e direitos de cada um.

Por isso, é importante que se discutam as questões relacionadas a gêneros presentes na sociedade, para que assim todos possam exercer em plenitude a cidadania. As questões relacionadas às diferenças de gênero se fizeram presentes em importantes acordos internacionais da área da educação, fato que igualmente demonstra a importância e atualidade do tema da presente pesquisa. Na declaração de Jomtien (Tailândia, 09 de março de 1990) é relatado o fato de que mais de 100 milhões de crianças não possuem acesso ao ensino primário, sendo que dessas, 60 milhões são meninas.

Para a universalização da educação e promoção da equidade é preciso que a educação básica seja melhorada e sejam reduzidas as desigualdades, sendo que a prioridade é garantir e melhorar o acesso de mulheres e meninas à educação, superando os obstáculos sociais e culturais que impedem seu processo educativo, através, por exemplo, da eliminação de preconceitos e estereótipos, sendo que essa ampliação do acesso a educação favorece a equidade.

De acordo com a declaração de Jomtien (UNESCO, 1990), cada país poderá determinar suas metas para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem de todos, seguindo algumas dimensões propostas, sendo uma delas a ênfase à alfabetização de mulheres buscando a redução da diferença entre esses índices entre os gêneros, assim como buscar igualar os índices de desempenho entre eles.

Em 1994, na Espanha, é exarada a Declaração de Salamanca, que reafirma o compromisso de educação para todos e relata a dupla desvantagem das mulheres deficientes, destacando que deveriam existir esforços para igualar as oportunidades entre homens e mulheres, inclusive deficientes. Além disso, a educação de meninas é vista como um fator para uma integração mais efetiva entre crianças e jovens com necessidades especiais.

Na Alemanha, em 1997, fruto da V Conferência Internacional de Educação de Adultos, foi publicada a Declaração de Hamburgo, que, dentre suas várias disposições, afirma que é fundamental que homens e mulheres participem em cada esfera da vida para que assim a humanidade possa enfrentar os desafios do futuro. Essa declaração se propõe a oferecer a homens e mulheres oportunidade de educação continuada ao longo da vida.

A Declaração de Hamburgo (UNESCO, 1997) também afirma que homens e mulheres têm direito às mesmas oportunidades e, ao reconhecer que historicamente tais oportunidades foram desigualmente ofertadas a homens e mulheres, reconhece que se deve dar prioridade à expansão de oportunidades educacionais para as mulheres, respeitando a diversidade e eliminando preconceitos e estereótipos que limitam o acesso à educação. Por isso é importante discutir o assunto para assim poder eliminar estereótipos e preconceitos, buscando igualar homens e mulheres.

Assim, frente ao exposto, foram objetivos do presente estudo analisar as concepções de meninas e meninos de quarto e quinto anos do ensino fundamental II sobre as relações sociais de gênero, em uma escola pública do Recife, zona Sul da periferia, caracterizando como essas concepções afetam suas relações sociais e influenciam seus comportamentos em sala de aula, no ambiente escolar, em relação aos estudos e aos seus colegas. Para isso, foram feitas entrevistas individuais com posterior análise do conteúdo das mesmas.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEORICA**

Em nossa sociedade o conceito de gênero pode ser compreendido como aquilo que identifica e diferencia homens e mulheres, a partir de características masculinas e femininas. Esse conceito sugere um conjunto de questões que tem por base os significados que indicam o que é ser mulher e o que é ser homem, ou seja, é o modo como as diferenças sexuais são entendidas socialmente em um determinado tempo histórico e cultural.

Como afirma Braga (2009), o gênero vai sendo aprendido mesmo antes do nascimento, pois a partir do momento que sabemos o sexo da criança, tudo é organizado diferenciado por sexo: cor das roupinhas, do quarto, brinquedos, nomes, além de amplas expectativas sociais que são diferenciadas para meninas e meninos.

No geral, existe o preconceito quando nos deparamos com a chegada de uma criança surge uma felicidade única e logo começamos a planejar seu futuro, se for do sexo masculino compramos várias roupas azuis, carrinhos, bolas com a finalidade de que aquela criança construa características esperadas para seu gênero como virilidade, liderança, agressividade e que tenha controle de suas emoções, já que “homem não chora”, que desde a infância é ensinado em, nossas casas enfim todas as características culturais masculinas.

Em relação às meninas, são compradas roupas cor de rosa, bonecas, utensílios domésticos, tudo muito feminino e delicado, para que a aquela criança construa as características esperadas para uma mulher, como sensibilidade e feminilidade, seja uma boa mãe e dona de casa.

Em uma sociedade machista como a nossa sempre houve distinção entre homens e mulheres, sempre esteve pré-determinado o que é para meninas e o que é para

meninos e dentro dessa distinção várias normas machistas, sexistas e preconceituosas que têm como efeito a reprodução das desigualdades de gênero que trouxe grandes desafios para desconstrução desse sistema que existe em nossa sociedade.

Para finco (2019), desde a concepção ao berço, as atitudes, as palavras, os brinquedos, os livros procuram moldar as crianças para que aceitem e assumam os rótulos que a sociedade lhes reservou. Dentro dessa lógica, podemos perceber que somos regidos por normas de gênero e de sexualidade que desconsideram e repudiam todos aqueles e aquelas que fogem do que lhes foi previamente estabelecido.

O Gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado. Essas instâncias multiplicaram-se e seus ditames são, muitas vezes, distintos. Nesse embate cultural, torna-se necessário observar os modos como se constrói e se reconstrói a posição da normalidade e a posição da diferença, e os significados que lhes são atribuídos.

## **METODOLÓGIA**

A pesquisa foi realizada em uma escola Municipal da zona sul de Recife, com aluno de quintos anos, e para isso, entrevistou-se cinco meninas e seis meninos, no primeiro semestre de 2022, sendo que as entrevistas foram aplicadas em dois dias, em um período aproximado de duas semanas. Frente ao objetivo do trabalho, utilizaram-se a aplicação de questionários para obter a concepção dos alunos, questionários esses que não foram estruturados, de forma a permitir que os alunos, nas entrevistas, discorressem sobre o tema com base nas informações que possuíam de acordo com o que afirma Lüdke e André (1986) que relatam a abertura permitida por essa metodologia. Ao lado da observação, a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, dentro da perspectiva de pesquisa desenvolvida. Esse instrumento possui um caráter de interação entre pesquisador e pesquisado, havendo, portanto, uma influencia recíproca entre quem pergunta e quem responde. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

A aplicação dos questionários seguiu a estrutura de questões apresentada a seguir, sofrendo algumas alterações ao longo das entrevistas quando necessário, já que nessa metodologia aplicada, segundo as autoras citadas, ocorre uma reciprocidade entre entrevistador e entrevistado, permitindo uma alteração do processo quando essa for

julgada necessária para uma melhor análise posterior dos dados obtidos. 1 - Como você caracterizaria meninos e meninas 2 - O que é mais fácil, ser menino ou menina? Por quê? 3 - Meninos e meninas podem brincar de que? Por quê? 4 - Meninos e meninas podem querer ter as mesmas profissões quando crescerem? Por quê? 5- Meninos e meninas devem se comportar de que forma? Por quê? 6- Quem tem o melhor desempenho na escola? 7 - Tem pessoas excluídas na sua turma da escola ou nos seus amigos da rua ou do prédio ou de outros lugares? Por quê? 8 - Meninos e meninas podem brigar na escola ou fora dela? Por quê? 9 - O que você acha de meninos e meninas que brigam? 10 - O que meninos e meninas costumam fazer nos intervalos? Por quê? 11 - Meninos podem fazer coisas de meninas? E meninas podem fazer coisas de meninos? Por quê?

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A escola tem uma estrutura simples e antiga, mas é bastante espaçosa. Quanto ao atendimento prestado à criança (quantidade de turmas, quantidade de crianças atendidas por turma, turno e faixa etária), são 10 turmas no período da manhã do pré I ao 5º ano, dentre elas 4 turmas fazem parte do atendimento integral, no período da tarde são 8 turmas do 6º ao 9º ano e a noite são 4 ciclos do EJA, totalizando 25 turmas e 920 alunos(as) assistidos na instituição.

A escola funciona em tempo integral e realiza um diagnóstico sobre a realidade do(a) educando(a) e sobre as características socioeconômicas e culturais da comunidade escolar através de um formulário preenchido na matrícula do(a) educando(a) e nos diários de classe, a cada bimestre é realizado uma avaliação diagnóstica com os alunos(as) do pré I ao 2º ano, já que eles(as) não podem ser retidos nas séries, então os(as) professores(as) avaliam os(as) estudantes de acordo com o nível de aprendizagem, concentração e motricidade e quando é diagnosticada alguma dificuldade os(as) alunos(as) passam a ter aulas de reforço e sessões de Psicologia, tudo com autorização dos familiares.

No fim do ano letivo a Secretaria de Educação recolhe todos os diários para a avaliação do Projeto Nota 10. O PPP da instituição foi construído pela própria equipe pedagógica da escola de forma democrática, onde todos os professores participam junto com a equipe pedagógica e um representante dos pais e todo ano o mesmo é revisado. O PPP da instituição trabalha de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC),



com Projeto de Artes Visuais, Projeto de Leitura, acompanhamento coletivo e individual, reunião de pais e realização dos planejamentos.

A sexualidade infantil ganha cada vez mais espaços nas discussões e estudos científicos. Preocupa-se com a forma de como a sexualidade vem sendo trabalhada nas séries iniciais do Ensino Fundamental, ou até mesmo silenciada pelos educadores que criam artifícios e desculpas para não trabalhá-la, foi que surgiu o interesse em conhecer a concepção dos educadores acerca das questões relacionadas à sexualidade infantil, bem como a prática pedagógica destes naquilo que se refere às manifestações e implicações desse tema.

A Orientação Sexual é um dos temas transversais propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, do MEC, visando a compreensão e reflexão da realidade social, construindo assim a cidadania. Orientar sexualmente não significa informar. Atualmente, têm-se realizado muitos estudos a respeito da sexualidade humana, pois essa é extremamente importante em todas as fases do nosso desenvolvimento.

As diferenças de comportamento entre os gêneros são discutidas por diferentes autores. Louro (1997) fala do caráter social do conceito de gênero, sendo que para a autora, o conceito não se refere às construções dos papéis dos gêneros, pois esses papéis seriam construções sociais e a aprendizagem desses determina os comportamentos adequados a cada um e as relações entre os gêneros.

Costa (2004) e Vianna e Unbehaum (2004), também relacionam os comportamentos, os aspectos de identidade e de relações sociais com os papéis sociais estabelecidos por categorizações deterministas e subjetivas, categorização essa decorrente de características físicas e biológicas dos indivíduos. Essa diferença de comportamento e de aspectos da identidade também foi relatada pelos alunos e alunas entrevistados em diferentes situações.

Quando perguntados sobre as diferenças entre meninos e meninas, os alunos fizeram distinções entre os gêneros, sendo essas distinções de diferentes aspectos.

Hã... Acho assim que as meninas são, assim, mais sensíveis, os meninos não têm, assim, tanta sensibilidade quanto as meninas.  
(Aluna A– 4º ano)

Também acho que elas são assim, delicadas. (Aluna A– 5º ano)





Acho que os meninos são muito, assim, agressivos algumas vezes e não entendem, não entendem as meninas quando a gente precisa que eles entendam eles não entendem. (Aluna A– 4º ano)

Os meninos são mais briguentos. (Aluna A– 5º ano)

Hum, acho que é mais fácil ser menino, porque assim não se importa assim com muita coisa, sabe. (Aluno A – 4º ano)

Algumas caracterizações tiveram a distinção sexual, mostrando uma relação de gêneros com elementos sexuais e biológicos.

E órgão sexual diferente. (Aluno B – 5º ano)

Menino tem um pênis e as meninas têm a vagina. (Aluno B –4º ano)

Isso ilustra as idéias de Silva Júnior (2003) e Louro (1997) que distinguem os aspectos sexuais e o gênero, relacionando o primeiro com a forma como as pessoas vivem a sexualidade ou aos aspectos biológicos e o segundo á construção social que se relaciona com os papéis de cada gênero, sendo influenciado pela época histórica e pela sociedade na qual o individuo vive. No caso das duas últimas respostas acima, os alunos destacam apenas os aspectos sexuais.

Em alguns casos, o aluno entrevistado não percebe diferenças nítidas entre os gêneros quando perguntado sobre as diferenças entre eles, ou percebe mais as diferenças entre os indivíduos.

Isso depende mais da pessoa. (Aluno 2 -6º ano)

Acho que não tem muita coisa diferente assim, menina usa rosa, gosta das mesmas coisas, tipo roupa rosa. (Aluno 3 – 6º ano)

Mas esse mesmo aluno pode perceber diferenças quando a pergunta se relaciona com o desempenho escolar dos gêneros, percebendo um melhor desempenho entre as meninas.

Menina [vai melhor na escola], porque algumas tentam ser mais caprichosas. (Aluno 2 - 6º ano)

Para Feitosa e Romero (2005), os fatores que determinam as diferenças comportamentais de meninos e meninas começam desde o período gestacional, quando



o tratamento já ocorre de forma diferenciada, sendo que essas diferenças permanecem durante todo o desenvolvimento infantil, o que favorece a modelagem que determina os comportamentos. Para elas, o senso comum determina que meninos sejam fortes, ativos, corajosos e dominantes, seus corpos podem tudo e eles têm um espaço público e irrestrito (são estimulados a práticas motoras). Já as meninas têm corpos frágeis, são dóceis, meigas e dependentes, sendo repletas de restrições e tendo seu espaço privado e muito controlado (são estimuladas a motricidade fina e a expressão oral).

## CONCLUSÃO

A dimensão da sexualidade não está vinculada apenas ao aspecto corporal. Ela tem a ver com o mais profundo do nosso ser, com a nossa razão e com os sentimentos. A sexualidade não se refere apenas à questão biológica. Porém, muito mais ampla, pois se refere às questões da razão e dos sentimentos, sendo também uma questão cultural. Cada sociedade cria parâmetros e padrões para o comportamento sexual dos indivíduos.

O objetivo desse trabalho foi analisar as concepções de alunos e alunas de sextos e sétimos anos sobre as relações de gêneros, e as análises demonstraram que as concepções dos entrevistados se referem, muitas vezes, às concepções estabelecidas pela sociedade sobre os gêneros, o que estabelece comportamentos adequados para cada gênero, comportamentos esses muitas vezes exibidos pelos alunos e alunas como forma de se adequarem aos padrões estabelecidos pela sociedade, de forma a não serem estereotipados e não sofrerem preconceitos.

As distinções de gênero, sexualidade, etnia e classe são produzidas e constituem os currículos, normas, procedimentos, teorias, linguagens, materiais didáticos e processos de avaliação. Por isso é importante o modo como ensinamos e os sentidos que alunos e alunas dão ao que aprendem, é necessária uma problematização que lide com as múltiplas e complexas combinações do gênero, sexualidade, classe e etnia. Porém, como essas dimensões estão presentes em todos os arranjos escolares e estamos envolvidos nisso, essa problematização é complexa e também nos diz respeito (LOURO 1997).

Concordando com Moreno (1999), acredito que seja importante aumentar o número de modelos estabelecidos para os indivíduos, possibilitando maior liberdade de escolhas, sendo que a escola deve colaborar na percepção de várias formas de conduta,

permitindo o enriquecimento da personalidade de cada um e a percepção de diferentes formas de ser homem e mulher. Assim devem-se co-educar os alunos, permitindo múltiplos pontos de vista e ensinando o respeito à diferença.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA**

**COSTA, A.; Cenas se Meninas e Meninos no Cotidiano Institucional da Educação Infantil: Um Estudo Sobre Relações de Gênero** – Florianópolis. 2004.

**CARVALHO, M. P. O Fracasso Escolar de Meninos e Meninas: Articulações entre Gênero e Cor/Raça.** Cadernos Pagu V.22. 2015. p.247 - 290.

**CARVALHO, M. P. Mau aluno, Boa aluna? Como os Professores Avaliam Meninos e Meninas** - Estudos Feministas. v.9. n. 2. 2017.

**FEITOSA, J. G.; ROMERO, E.; A Expressão do Corpo pela Conduta Motora Oral: Uma Questão de Gênero; Arquivos em Movimento.** Rio de Janeiro. v.1. n.2. p. 5-18. julho/dezembro. 2005.

**JUNIOR, P. M. S. Estudo de Gênero: Por um Olhar Mais Atento às Múltiplas e Conflitantes Sexualidades Presentes no Interior das Salas de Aula.** In Fórum Crítico da Educação. Revista ISEP – Instituto Superior de Estudos Pedagógicos. V. 1. nº 2. Rio de Janeiro. 2003. p. 65 – 81.

**LOURO, G. L. A Construção Escolar das Diferenças** – In: LOURO, G. L.; **Gênero, Sexualidade e Educação – Uma perspectiva Pós-Estruturalista.** Editoras Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro. 1997. p. 57 – 87.

**LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas,** Editora Pedagógica e Universitária. São Paulo. 1986. P. 33 e 34.

**MORAES, E. L.; Relação Gênero e Raça na Política Pública de Qualificação Social e Profissional. – Construindo Identidades Sociais.** V. 1; Brasília: MTE. SPPE. DEQ. 2015.

MORENO, M.; **Como se Ensina a Ser Menina- O Sexismo na Escola**; São Paulo. Editora Moderna. Editora da Universidade Estadual de Campinas. 1999.

PITANGUY, J. **A Questão de Gênero no Brasil, unidade de Gênero Departamento de Política Econômica e Redução de Pobreza Região da América Latina e Caribe**. Banco Mundial. 2003. p. 64 – 109.

STROMQUIST, N. P. **Qualidade de ensino e gênero nas políticas educacionais contemporâneas na América Latina**. *Educação e Pesquisa*. São Paulo. v.33. n.1. p. 13-25. jan./abr. 2017

UNESCO. **DECLARAÇÃO DE HAMBURGO, Conferência Internacional Sobre a Educação de Adultos. Hamburgo, Alemanha: Declaração de Hamburgo: Agenda para o Futuro**. UNESCO, 1997.

UNESCO. **DECLARAÇÃO DE JOMTIEN, Declaração Mundial Sobre a Educação para Todos. Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem**. Tailândia. UNESCO. 1990.

UNESCO. **DECLARAÇÃO DE SALAMANCA sobre os Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Espanha. UNESCO. 1994.

VIANNA, C.; RIDENTI, S.; **Relações de Gênero e Escola: das Diferenças ao Preconceito**. In: Aquino, J. G. (Org) – *Diferenças e Preconceitos na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas* – São Paulo. Editora Summus. 1998. p 93 – 105.

VIANNA, C. P. UNBEHAUM, S. **O Gênero nas Políticas Públicas de Educação no Brasil: 1988 – 2002 - Cadernos de Pesquisa**. v. 34. n. 121. jan./abr. 2004.